

---

## A EXPERIÊNCIA FORMATIVA DE MARIA NO PROJovem URBANO: DO LIMITE À SUPERAÇÃO

AGUIAR, Ana Lúcia Oliveira. UERN\*  
LINS, Sônia Alves Bezerra. UERN\*\*  
SILVA, Josiane Dias da. FGDUQUE/UFERSA\*\*\*

### RESUMO

Trata-se de um Programa Nacional de Inclusão de Jovens - o ProJovem Urbano (PJU), que tem a finalidade de elevar o grau de escolaridade, visando ao desenvolvimento humano e ao exercício da cidadania por meio de conclusão do ensino fundamental, de qualificação profissional e do desenvolvimento de experiências de participação cidadã. Será isso possível? A aluna, Maria, experimentou essa mudança. Objetivamos compreender e socializar como essa jovem mudou a sua perspectiva de vida no seu percurso pelo PJU. Para tanto, utilizamos a narrativa (auto) biográfica de Maria por contribuir para a mudança pela reinvenção de si, através da própria consciência de ser e estar no mundo e das potencialidades a que possui, seguindo a trilha do próprio limite à superação, o qual coloca esse sujeito como protagonista que analisa, através da reconstrução da memória de suas experiências, numa trama que repercute no presente e cria novas possibilidades de enfrentamento, rumo a conquistas futuras. Essa jovem concluiu esse curso, tendo como meta prosseguir os estudos. O Projovem Urbano contribui, de fato, na afirmação da dignidade, da cidadania e do respeito à diversidade.

**Palavras-Chave:** Inclusão sócio-educacional. Cidadania. Autobiografia.

---

\*Profa. Dra. Em Sociologia. Professora Adjunta IV e Diretora da Diretoria de Apoio à Inclusão (DAIN/UERN). oliveiraaguiarpetro@gmail.com

\*\* Especialista e Mestre em Educação. Assistente Social da Diretoria de Apoio à Inclusão (DAIN/UERN). soniaabl@hotmail.com

\*\*\* Professora de Ciências Humanas do ProJovem Urbano. Especialista em Metodologia e Docência Superior. FGDUQUE/UFERSA.

## 1 INTRODUÇÃO: MARIA NA TRILHA DO PROJovem URBANO

Segundo o Manual do Educador (2012), o ProJovem Urbano é um programa do governo brasileiro sob a coordenação do Ministério da Educação e da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Objetiva promover a inclusão social de jovens, buscando a sua reinserção na escola e no mundo do trabalho, de forma a propiciar-lhes oportunidades de desenvolvimento humano e exercício efetivo de cidadania. Para tanto, o curso é desenvolvido em dezoito meses, numa perspectiva sociointeracionista, fornecendo um recurso de cem reais ao aluno que serve, para muitos, como incentivo à escolaridade pelo programa. Em, contrapartida, o aluno deverá ter 75% de frequência e cumprir 75% das atividades solicitadas pelos professores. Como forma de oferecer as condições para que o aluno cumpra com essas obrigações, o programa oferece o acolhimento e educação aos filhos dos cursistas que tenham até seis anos de idade, os quais participam, também, de atividades socioeducativas específicas à sua idade. Objetivamos socializar como Maria mudou a sua perspectiva de vida, depois de inserida no ProJovem Urbano.

Utilizamos a narrativa (auto) biográfica de Maria por contribuir, segundo Josso (2010) para a mudança pela invenção e reinvenção de si. Isso é possível, porque a medida que o sujeito narra as suas experiências de vida, ele adquire uma maior consciência de ser e das suas potencialidades, seguindo a trilha do próprio limite à superação, ressignificando a vida e buscando novas experiências. Desse modo, a (auto) biografia conduz o próprio sujeito a ser e atuar no mundo em que vive como protagonista no seu percurso de vida. O valor formativo da (auto) biografia pode ser observado na narrativa (auto) biográfica de Maria<sup>1</sup>:

Eu percebi que mudou o meu modo de ver as coisas, antes precisava que alguém me motivasse pra estudar, participar das festas e teatro da escola; nunca tinha iniciativa, porque, também tinha muita vergonha de falar em público, devido eu ser tata, corto as letras. Depois que eu escrevi a minha história eu percebi que me modifiquei, percebi mais o quanto eu me desenvolvi no Projovem.

---

<sup>1</sup> Nome fictício. Narrativa realizada em 23/09/14.

Josso (2002) ressalta que o ato da escrita da narrativa (auto) biográfica constitui-se de um processo formativo por conduzir o sujeito a indagações sobre o que escrever, como escrever, pra quem se vai escrever, que posicionamento o autor da escrita deve tomar de suas experiências de vida e formação para que seja registrado na escrita. O processo de escrita levou a Maria perceber com mais nitidez a sua evolução. Conforme a narrativa supracitada de Maria, percebe-se que essa jovem constitui-se como sujeito em formação nos aspectos emocionais, sociais, intelectual, integrando essas dimensões ao seu ser; ela refletiu e avaliou o crescimento adquirido mediante as etapas vivenciadas no PROJovem, notificando o seu desenvolvimento ao registrar a sua história. Assim, a (auto) biografia permite:

O conhecimento de seus atributos de ser psicossomático e de saber-fazer consigo mesmo; o conhecimento das suas competências instrumentais e relacionais e de saber-fazer com elas; o conhecimento de suas competências de compreensão, de explicação e do saber-fazer pensar. (JOSSO, 2010, p. 43).

Esta certificativa expressa por Maria sinaliza uma nova trajetória que inside na evolução da sua vida, revelando a compreensão e um encontro consigo mesmo. Ressaltamos a significativa contribuição do ProJovem Urbano (PJU) nesse processo por desenvolver várias estratégias para despertar o interesse dos alunos não apenas a matricular-se nesse programa, mas que eles permanecessem até a conclusão do curso, haja vista a maioria dos educandos estarem em condição de distorção<sup>2</sup> entre a idade e a série e em situação de abandono escolar e vulnerabilidade social, vivendo numa frágil situação socioeconômica com pouca perspectiva de vida futura. Nessa direção, Maria narra um pouco da sua história de vida e como foi essa abordagem para a sua inserção no PJU:

Meu nome é Maria, tenho 26 anos, dois filhos e moro com a minha mãe na cidade de eu Mossoró. Antes de participar do PJU, meu tempo era ocupado em cuidar da casa, filhos e lazer. Quando recebi o convite para participar do grupo foi até engraçado, porque o professor veio apenas me pedi informações e acabou me convencendo a fazer a matricula e eu mesmo sem vontade aceitei, mesmo achando difícil estudar com duas crianças pequenas. (Informação verbal)

---

<sup>2</sup> O aluno é considerado em situação de distorção ou defasagem idade-série quando a diferença entre a idade do aluno e a idade prevista para a série é de dois anos ou mais.

Entendemos que o ProJovem Urbano, nessa narrativa supracitada, reascendeu a luz da esperança de Maria à mudança de vida, à seu retorno aos estudos, o qual se encontrava apagada: “o professor veio apenas me pedi informações e acabou me convencendo a fazer a matrícula e eu mesmo sem vontade aceitei, mesmo achando difícil estudar com duas crianças”, o que demonstra que o professor conseguiu não apenas convidá-la a retornar aos estudos, inserindo-se nesse programa, mas conseguiu convencê-la a acreditar que ela deveria dar uma chance a si mesma, desafiando os seus limites. Como diz Freire “o diálogo é o encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo mundo, o ‘pronunciam’, isto é, o transformam, e, transformando-o, o humanizam para a humanização de todos” (FREIRE, 1982a:43) e, isso significa educar para a promoção de igualdade de oportunidade para todos e efetivação de direitos universalmente assegurados, a fim de que os jovens tornem-se protagonistas de sua inclusão social, desenvolvendo a sua humanidade e cidadania.

## **2 DISCUSSÃO: MARIA NO PJU: O SEU LIMITE, A SUA OPORTUNIDADE DE RETORNO AOS ESTUDOS E A SUA SUPERAÇÃO**

Historicamente, o currículo que fundamenta o projeto político-pedagógico da escola, na sua efetividade do cotidiano escolar, revela-se anti-cidadão por não respeitar as diferenças socioculturais, as singularidades e as experiências dos sujeitos em formação. Chamamos de currículo anti-cidadão por ter como característica a cultura da classe social dominante em sala de aula; melhor esclarecendo:

A cultura dominante nas salas de aula é a que corresponde à visão de determinados grupos sociais: nos conteúdos escolares e nos textos aparecem poucas vezes a cultura popular, as subculturas dos jovens, as contribuições das mulheres à sociedade, as formas de vida rurais, e dos povos desfavorecidos (exceto os elementos de exotismo), o problema da fome, do desemprego ou dos maus tratos, o racismo e a xenofobia, as conseqüências do consumismo e muitos outros temas e problemas que parecem “incômodos”. Consciente e inconscientemente se produz um primeiro velamento que afeta os conflitos sociais que nos rodeiam quotidianamente (SACRISTÁN, 1995: 97).

Essa realidade vem se modificando graças aos estudos, pesquisas e enfrentamentos da sociedade civil organizada que vêm resultando e embasando as políticas educacionais nesses últimos séculos, reorientando o currículo num processo de construção de uma escola mais cidadã, assumindo a sua função social em prol do desenvolvimento humano, contribuindo para construir uma sociedade sustentável social

e ambientalmente. Essa realidade embora esteja em processo de importantes mudanças, ainda é comum a visão discriminatória, excludente e de omissão de muitas questões sociais por parte de determinados grupos sociais na escola, tornando esse ambiente não interessante para muitos alunos. O ProJovem Urbano é uma alternativa importante no resgate da escolaridade dos educandos que abandonaram a escola. Maria narra como participou desse seu resgate:

Só comecei a frequentar as aulas depois de duas semanas após, elas ter iniciado. Pra mim foi muito difícil por ser uma mulher envergonhada, sentava sempre na última fila, não falava nada, não participava das aulas e ficou mais difícil quando minhas amigas desistiram, mas mesmo assim continuei, comecei a fazer amizades novas, os professores eram todos maravilhosos, sempre me apoiando, incentivando, me mostrando que eu tinha potencial. (Informação verbal)

Essa narrativa de Maria “Pra mim foi muito difícil por ser uma mulher envergonhada, sentava sempre na última fila, não falava nada, não participava das aulas e ficou mais difícil quando minhas amigas desistiram, mas mesmo assim continuei, comecei a fazer amizades novas, os professores eram todos maravilhosos, sempre me apoiando, incentivando, me mostrando que eu tinha potencial” revela a importância do papel estratégico e afetivo dos professores para a sua permanência no PJU e na sua formação, cuja ação educativa modificou a determinação daquela jovem: de criar filhos tão-somente para prosseguir com os estudos. Em relação à prática educativa Freire (1996, p. 143) a conceitua como “[...] afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente, da permanência do hoje”.

Ouvindo a narrativa da educadora Josiane, esta relata que recebeu formação inicial e continuada e participou de vários encontros pedagógicos. Com essas formações, desenvolvia a sua prática na área de Ciências Humanas como especialista e como professora orientadora, numa perspectiva sociointeracionista e crítico-reflexiva, utilizando o material do Programa ProJovem Urbano: o Manual do Educador de Orientações Gerais (MEOG) e o Manual do Educador; o discente utilizava o Guia do Aluno. A prática pedagógica era desenvolvida através de pesquisas, entrevistas, produções textuais, recortes de fatos sociais extraídos de revistas e jornais, análise de imagens, filmes, dinâmicas, músicas e mensagens de reflexão. Maria participava dessas propostas pedagógicas com interesse e atenção, especialmente, diante dos temas transversais (Juventude e Cultura, Juventude e Cidade, Juventude e Trabalho, Juventude e Comunicação, Juventude e Tecnologia e Juventude e cidadania), pois esses assuntos

lhes dirigiam para novas perspectivas de compreensão da vida e de alvos para o futuro. Para trabalhar esses temas partia-se da problematização do “universo temático” que consiste num conjunto de “temas geradores”:

Esses temas se chamam geradores porque, qualquer que seja a natureza de sua compreensão como a ação por eles provocada, contêm em si a possibilidade de desdobrar-se em outros tantos temas que, por sua vez, provocam novas tarefas que devem ser cumpridas. (FREIRE, 1982, p. 110).

Entendemos que os temas geradores podem conduzir o sujeito à uma maior clareza ao desencadear, gradativamente, a sua percepção da realidade e da condição de reprimido e apático. A narrativa (auto) biográfica de Maria pode revelar a mudança de sua condição e de sua compreensão sobre o seu ser e estar no mundo, melhor interagindo com ambiente humano e natural. Podemos dizer que essa mudança retrata a ressignificação das experiências vividas por ela, configurando-as em novas formas de ser e estar livre da opressão do mundo a que estava imersa e, agora, podendo repensá-lo, decifrá-lo, decodificá-lo, haja vista a influência das diversas formas do sistema capitalista, cuja tendência histórica é a sua exclusão das condições digna de vida. Assim, Maria expressa:

Comecei a participar das aulas, dos projetos, em tudo estava metida, melhorei comigo mesmo, minha autoestima voltou, os professores se tornaram amigos, acho que melhorei 100%, minha maneira de pensar e vê o mundo. Aquela mulher calada, envergonhada com o tempo já não existia, me transformei em uma pessoa alegre, participativa e brincalhona. Ao terminar o curso me senti realizada, pois conseguir me descobrir e corre atrás dos meus sonhos. Agora estou terminando o ensino médio e minha meta daqui pra frente é me formar e consegui me profissionalizar e viver melhor. O PJU foi como minha segunda casa, segunda família onde fiz amizade que vou guarda pra sempre. Sair do curso levando varias lições de vida como: cidadania, respeito e coragem para seguir em frente. Hoje venho agradece a todos os professores que fizeram parte do núcleo Dolores do Carmo Rebouças e a todos os coordenadores do pro jovem urbano, por abri o caminho e as portas pra uma nova jornada em minha vida. (Informação Verbal)

Nessa narrativa de Maria constatamos que a proposta pedagógica do PJU orienta o educador a conduzir a sua prática docente na interação com os alunos trabalhando os conteúdos em forma de questionamentos e discussões da realidade a fim de que o processo de aprendizagem gere, conforme e confronte o educando com sua condição sócio-histórica, isto é, numa práxis educativa coerente com a sua realidade; dessa forma o processo de ensino é centralizado no educando, valorizando-o como “um ser da intervenção no mundo (...) e, por isso mesmo, (alguém) que deve deixar suas marcas de sujeito e não pegadas de puro objeto” (FREIRE, 2000:119).

Educar nessa perspectiva é condição *sine qua non*, pois vivemos em uma sociedade de capitalismo hegemônico, as quais, constantemente, e, por vários meios, tendem a conformar o povo às suas ideologias para a manutenção e permanência no poder, o qual é concentrado nas mãos de uma minoria. O processo educativo deve conduzir o sujeito a:

Pensar, falar, sentir, perceber, dar um destino às mãos liberadas do quase exclusivo apoio ao corpo para mover-se, inteligir e comunicar o inteligido, comparar, valorar, avaliar, optar, romper, decidir, apreender, aprender, ensinar, poder fazer ou não coisas, idear, viver socialmente, tudo isto sublinhou no ser que disto se tornou capaz, a importância indiscutível de sua consciência. Consciência do outro e de si como um ser no mundo, com o mundo e com os outros, sem a qual seria apenas um ser aí (FREIRE, 2000, p. 51).

Vejamos que Maria comportava-se como “um ser aí” quando relatou: “meu tempo era ocupado em cuidar da casa, filhos e lazer” limitada as atividades do lar sem, vislumbrar as suas potencialidades através dos estudos; foi o processo educativo no PJU que ela passou a ser protagonista de sua história dando um novo rumo a sua vida: pensar mais, sentir, participar, criar, recriar, inteligir, mover-se, comunicar, decidir, aprender, conforme a sua narrativa “Comecei a participar das aulas, dos projetos, em tudo estava metida, melhorei comigo mesmo, minha autoestima voltou, os professores se tornaram amigos, acho que melhorei 100%, minha maneira de pensar e vê o mundo.”

Por essa razão os educadores têm a responsabilidade de conduzir os educandos a enxergarem para além da aparência os fatos sociais, políticos, econômicos, culturais e, mais que isso, têm o dever de despertar no educando o interesse e a capacidade para compreender o que está posto nas entrelinhas dos fatos que surgem do cotidiano. Isso poderá contribuir para formar educandos mais conscientes e participativos da vida em sociedade, cientes dos seus direitos e deveres e de seu potencial e, assim, contribuir para mudança em prol do bem coletivo de sua comunidade, seja da sua cidade, estado ou país. Ensinar nessa perspectiva é ensinar para a vida, sendo fundamental que o educador busque a sua formação continuada, haja vista a complexidade do sujeito que vive num mundo complexo. A relevância da formação continuada reside no entendimento de que:

[...]pode possibilitar a reflexividade e a mudança nas práticas docentes, ajudando os professores a tomarem consciência das suas dificuldades, compreendendo-as e elaborando formas de enfrentá-las. De fato, não basta saber sobre as dificuldades da profissão, é preciso refletir sobre elas e buscar

soluções, de preferência, mediante ações coletivas. (LIBÂNEO, 2004, p. 227).

O PJU possui a sua proposta de trabalho nessa direção, como pode ser percebido na narrativa da educadora Josiane ao relatar que recebeu formação inicial e continuada, participando de vários encontros pedagógicos. Esta participação resultou em troca de saberes, fazeres e experiências promovendo a interação com os objetivos e propostas curriculares do PJU, sendo parte disso refletido e contribuído, significativamente para a mudança da educanda Maria, conforme a sua narrativa:” Sair do curso levando varias lições de vida como: cidadania, respeito e coragem para seguir em frente.”

### 3 RESULTADO

A pesquisa ora socializada intencionou compreender como a jovem Maria mudou a sua perspectiva de ver o mundo e a vida através do Programa ProJovem Urbano (PJU). Utilizando sua narrativa (auto) biográfica, essa jovem deu-se conta que a sua vida se resumia a criar filhos, sendo esse um dos fatores que se punha como barreira para voltar-se aos estudos. Sendo essa uma das características do público-alvo do PJU, Maria foi convidada e encorajada a se inserir nesse programa e retomar a sua vida acadêmica. Sem muita esperança de que fosse permanecer nessa trilha acadêmica, enfrentou os seus limites: deixar filhos aos cuidados da sua mãe, vergonha das novas pessoas e dos seus poucos conhecimentos com quem iria se deparar, medo de se pronunciar e participar das aulas em sala de aula, desestímulo ao ver as amigas desistindo de permanecer no curso. Entretanto, gradativamente, foi fazendo novas amizades, recebendo apoio e incentivo dos professores que a fizeram acreditar no seu potencial e acender a esperança de que, com os estudos, ela poderia conquistar um futuro melhor.

Por outro lado, percebemos que a prática pedagógica utilizada pelos docentes como estratégias de ensino que gerasse aprendizagem mostrou-se eficiente, sendo utilizadas: pesquisas, entrevistas, produções textuais, recortes e discussões de fatos sociais extraídos de revistas e jornais, análise de imagens, filmes, dinâmicas, músicas e mensagens de reflexão, as quais foram fundamentais para que despertasse em Maria uma nova compreensão da vida e do seu potencial enquanto aprendiz e agente de mudança da realidade vivida. Por essa razão, Maria participava dessas propostas pedagógicas com interesse e atenção, especialmente, diante dos temas transversais,



porque lhe traziam conteúdos significativos, servindo para que ela ressignificasse as próprias experiências e as redimensionasse.

Desse modo, Maria avalia o seu percurso final pelo PJu expressando “Sair do curso levando varias lições de vida como: cidadania, respeito e coragem para seguir em frente”, o que nos leva a entender que essa jovem concluiu esse curso, tendo como meta prosseguir, tendo a sua na carreira acadêmica e com perspectiva de vida e compreensão de mundo mais desenvolvida, disposta a ressignificar as suas experiências.

## **CONCLUSÃO**

O Programa Nacional de Inclusão de Jovens - o ProJovem Urbano (PJu) tem a finalidade de elevar o grau de escolaridade, visando o desenvolvimento humano e ao exercício da cidadania por meio de conclusão do ensino fundamental, de qualificação profissional e do desenvolvimento de experiências de participação cidadã. Será isso possível? A aluna, Maria, experimentou essa mudança, tendo mudado a sua perspectiva de vida e de mundo. A narrativa (auto) biográfica de Maria permitiu a reinvenção de si, através da própria consciência de ser e estar no mundo e das potencialidades a que possui, seguindo a trilha do próprio limite à superação, o qual colocando-se como protagonista que analisa, através da reconstrução da memória de suas experiências passadas, numa trama que repercute no presente e cria novas possibilidades de enfrentamento, rumo a conquistas futuras. Essa jovem concluiu o curso do PJu, tendo como meta prosseguir os estudos. O Projovem Urbano contribui, de fato, na afirmação da dignidade, da cidadania e do respeito à diversidade.

## **FORMATIVE EXPERIENCE OF MARY IN URBAN PROJovem: LIMIT TO OVERCOME**

### **ABSTRACT**

It is a National Youth Inclusion Programme - Urban ProJovem (PJu), which aims to raise the level of education, aiming to human development and the exercise of citizenship through completion of basic education, vocational qualification and development experiences of citizen participation. Is that possible? The student, Maria,

experienced this change. We aim to understand and socialize how this young changed her perspective on life through PJU's project. Therefore, we use the Maria's narrative (auto) biographical for contributing to the change by reinventing itself through its own consciousness of being in the world and the potential that has followed the trail of the limit itself to overcome, which puts this subject who looks like the protagonist, through the reconstruction of the memory of their experiences, a plot that resonates in the present and creates new possibilities for coping toward future accomplishments. This young student completed her course, with the goal of studying. The Urban Projovem contributes, in fact, in affirming the dignity, citizenship and respect for diversity.

**Keywords:** Inclusion social and educational. Citizenship; Autobiography

## REFERÊNCIA

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982a.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educação. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da indignação:** cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

JOSSO, Marie-Christine. **Formação Docente e Profissão:** formar-se para a mudança e a incerteza. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2006. (Coleção Questões da Nossa Época; v. 77).

JOSSO, C. **Experiências de Vida e Formação.** Lisboa: EDUCA, 2002.

\_\_\_\_\_. **A experiência de vida e formação.** 2 ed. Natal: EDUFRRN, São Paulo: Paulus, 2010.

**Manual do Educador:** Orientações Gerais. Brasília: Programa Nacional de Inclusão de Jovens – Projovem Urbano, 2012.

MOREIRA, Camila. **Distorção idade-série na educação básica.** Disponível: <<http://cmoreira2.jusbrasil.com.br/artigos/111821615/distorcao-idade-serie-na-educacao-basica>>. Acesso em 28/09/14.

SACRISTÁN, J. Gimeno. Currículo e diversidade cultural. In: SILVA, T.T.; MOREIRA, A. **Territórios contestados**. Petrópolis: Vozes, 1995.